

ENTREVISTA – FRANCISCO AURELIO RIBEIRO: O CIGANO E O PAÍS HABITÁVEL¹

INTERVIEW – FRANCISCO AURELIO RIBEIRO: THE GYPSY AND THE LIVABLE COUNTRY

Adilson Vilça*

Aos cinco anos Francisco Aurelio Ribeiro foi raptado por ciganos. Voltou para casa com as pernas machucadas e marcado com uma cicatriz sem cura: tornou-se um viajante sete-léguas, quase incapaz de controlar o ímpeto nômade de seu passaporte. Desde 1980, o professor Francisco Aurelio fez da ilha de Vitória sua âncora. E está sempre ajustando a bússola para incessantes descobertas nos oceanos de aventura que cingem os ilhéus. Os continentes do insólito, da fantasia, do reencontro,

¹ VILAÇA, Adilson. Entrevista – Francisco Aurelio Ribeiro: o cigano e o país habitável. *Você: Revista da Secretaria de Produção e Difusão Cultural da Ufes*, Vitória, ano IV, n. 32, p. 5-11, jul. 1995.

* Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

espreitam-no desde a infância de sonhos e histórias tecidas pelo avô Aurelio e recontadas por sua mãe.

Avô italiano, avó puri. Capixaba de Ibitirama, Francisco Aurelio desceu a serra do Caparaó carregando os sinais da identidade cultural que hoje ajuda a consolidar. Veio para Vitória, como primeiro porto, para lecionar na Marinha. No caminho, cursou Letras e Direito, em Cachoeiro. Guinou para Ouro Preto (MG), onde fez extensão pela UFMG; na PUC-MG, especializou-se em Língua Portuguesa. Depois viriam o mestrado e o doutorado, também pela UFMG, quando já estava no Departamento de Línguas e Letras da Ufes. A entrada na Ufes foi em 1982, com o primeiro lugar num concurso de 40 candidatos para duas vagas.

Sua mais decisiva contribuição, agora, é dar geografia à utopia, o país habitável indicado nos mapas secretos que a escritora e amiga Deny Gomes herdou de Morus: “Estamos descobrindo a delícia e a dor de sermos capixabas – enfatiza Francisco –, um caldo de um cozido étnico e multicultural”. No comando da Secretaria de Produção e Difusão Cultural da Ufes, onde exerce ao extremo um gerenciamento descentralizado e exaustivamente operante, dá nome ao teatro, ao cinema, à galeria, ao museu, ao coral, à orquestra, à publicação de livros e à revista Você, esta que vos fala, que surpreendeu Francisco com a pauta: “Eu?!”, perguntou ensaiando fugir. Perito na arte de escapar de ciganos, como se vê, Francisco não teve êxito por essa vez.

[...]²

Você – Como o senhor vê o momento cultural no Espírito Santo?

Francisco – Em ebulição, embora sem grandes perspectivas de explosão. A PMV, através da Lei Rubem Braga e de seus projetos na FAFI; a Ufes, através da

² Várias perguntas de Adilson Vilaça se referem à administração de Francisco Aurelio Ribeiro à frente da Secretaria de Produção e Difusão Cultural da Ufes (SPDC-Ufes), entre 1992-1996. Como nos interessam somente suas ideias a respeito de literatura, recortamos a entrevista, transcrevendo apenas as questões e as respostas sobre o assunto [Nota do editor].

SPDC e de seus Departamentos, além de toda a atividade desenvolvida nos Centros, e o DEC, cujo caminho no governo Vitor Buaiz ainda é uma incógnita, têm sido os principais responsáveis para agitarem o momento cultural capixaba. Mas há muito para ser feito. É preciso investir na formação de pessoas que lidam com a cultura (agentes, produtores), orientar a atuação cultural nos municípios, traçar uma política cultural para o Espírito Santo, envolvendo a iniciativa privada, recuperar o que ainda resta de patrimônio histórico, e promover a pesquisa e a busca de nova identidade. É tanta coisa para ser feita e não sei se haverá “intenção política” para o fazer.

***Você* – No jornal *Litteratusa* professora e escritora Deny Gomes diz que a literatura local está em busca da identidade capixaba. Também o filme de Amylton de Almeida, na reta final para chegar às salas de exibição, dá asas a essa busca. Como o senhor analisa o fenômeno?**

Francisco – Penso que vivemos muito tempo como primo pobre de irmãos ricos: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia. Estivemos à sombra deles e, durante 450 anos, para fazermos qualquer coisa, tivemos que ir embora, abandonar nossas raízes. Hoje, o Espírito Santo tem escritores, artistas e um público próprios. Estamos descobrindo que podemos existir sem ser à sombra deles. Chegamos à maioria cultural. Enfim, estamos descobrindo a *delícia e a dor* de sermos capixabas. Nem carioca, nem mineiro, nem baiano. Nem branco, nem preto, nem índio. O capixaba é resultado do caldo de um cozido étnico e multicultural. Como a moqueca capixaba.

***Você* – A SPDC está contribuindo na construção da identidade cultural capixaba?**

Francisco – Com certeza. Os livros que publicamos, os artigos da *Você*, as exposições artístico-culturais, os filmes e peças do Metrópolis, os eventos que apoiamos ou promovemos, tudo é uma contribuição à discussão da identidade cultural capixaba. Ao mesmo tempo que discutimos o modelo colonizador,

repensamos a prática e a construção do novo, do original e da utopia. Não há arte sem sonho.

Você – Qual é a mecânica da avaliação e consequente publicação com o selo SPDC?

Francisco – Há um conselho de cinco pessoas e que indica ou não a publicação de originais. Às vezes, recebemos pareceres de professores dos Centros e Departamentos. Priorizamos os estudos sobre o Espírito Santo e as obras premiadas de autores capixabas.

Você – Estamos no fim do século e não há editora no ES. Qual é a estratégia para resistir ao assédio dos escritores?

Francisco – A qualidade deve ser prioritária. A maior demanda são os livros de poesia e as teses universitárias. Os primeiros deveriam ser menos afoitos, e ler mais. Dez anos após ter escrito um livro de poemas, o autor deve relê-lo. Se ainda achar que deve publicá-lo, procurar fazê-lo, e não necessariamente com dinheiro público. (Fiz isso e deu certo: não publiquei). Os segundos devem transformar suas teses, escritas para bancas, em livros que serão lidos por muito mais gente. Se achar que o resultado pode ser útil para muitos outros, tentar a publicação. Se ela for muito importante, mas só para si, guardá-la mais uns anos. Já lhe valeu um título acadêmico, e isso basta.

Você – O senhor é acusado de ser tolerante em demasia. Não é um paradoxo para uma pessoa que sabidamente conhece literatura?

Francisco – Exatamente porque conheço literatura é que sou tolerante. Lido com pessoas e elas precisam muito de atenção, carinho e afeto, nesta época em que o salário é baixo e as glórias, poucas. Não sou tolerante é com a burrice e a arrogância, quase sempre atreladas, e busco priorizar a qualidade, quando indico originais para publicação. Todos os que foram publicados têm algum mérito, e

não me arrependo de ter auxiliado sua publicação. Posso ter sido, algumas vezes, mais humano que técnico, em toda minha vida de professor de literatura. Sou assim e penso ser a tolerância uma qualidade mais que um defeito.

Você – O que o senhor leu no mês passado? Sem exageros.

Francisco – Leio compulsivamente, por obrigação e prazer. Terminei *O povo brasileiro*, do Darcy Ribeiro, após ter concluído o *Raça e cor na literatura brasileira*, do Brookshaw, a *Literatura feita por mulheres no Rio Grande do Norte*, de Constância Duarte, e *Direito das mulheres e exploração dos homens*, de Nísia Floresta, uma feminista brasileira do século passado, que publicou essa obra em 1832. Incrível, né!? Hoje, quando acordei, reli cinco contos de Machado, dentre os quais, “O caso das botas”, que acho atualíssimo sempre. *Há sempre uma bota velha para um pé cambaio*, é a moral do conto. E há mesmo!

Você – Os leitores da seção de crônicas de *A Gazeta* conhecem o senhor como um viajante irrequieto. Fale um pouco desse seu espírito nômade com âncora em Vitória...

Francisco – Sou um viajante do mundo, desde que nasci. Aos cinco anos, fui roubado por ciganos, posto num balaio e carregado alguns quilômetros. Voltei para casa, com as pernas machucadas, e ninguém acreditou na minha história. Sempre acharam que eu seria escritor. O espírito de cigano continuou, todavia. Sempre que posso, dou uma fugida, só ou acompanhado. No carnaval, fui à Tunísia. Na Semana Santa, ao Pico da Bandeira. Toda viagem é sempre uma aprendizagem, e um enorme prazer.

Você – Quais as experiências culturais que o senhor conheceu em suas viagens e trouxe para Vitória?

Francisco – Sou um turista/viajante curioso. Percorro museus, ruas, igrejas, mercados, converso com o povo, fujo dos hotéis, onde tudo é igual. Certamente,

ao me enriquecer culturalmente, procuro transmitir aos que convivem comigo um pouco da experiência que acumulo. Mas a aprendizagem é sempre individual. Ninguém pode aprender por ninguém. Também não se precisa de viajar para aprender. Minha avó nunca saiu de sua cozinha, e me ensinou muito, assim como meu avô. Com ela, aprendi a plantar e o prazer de comer aquilo que plantava; com ele aprendi a “tolerância” (de que me acusam), a serenidade e a sabedoria indígenas (ela era neta de puris). Nunca esqueci o que dizia: *Meu filho, a ignorância é muito atrevida. Se tiver espaço, ela toma conta.* Tenho comprovado isso no dia-a-dia. A sofreguidão para ocupar cargos públicos é uma prova disso.

Você – O que senhor acha que está sendo bem conduzido pela Secretaria de Cultura de Vitória e pelo Departamento de Cultura do Estado?

Francisco – Acho que o Jorge e sua equipe fazem um bom trabalho na PMV: destaco o *Escritos de Vitória*, o Via FAFI, os cursos na FAFI e a Lei Rubem Braga. No DEC, destaco o curso de “Produção Cultural”, que está sendo dado agora, a Orquestra Filarmônica e o apoio a grupos locais. Mas é, ainda, muito modesto o trabalho, e não tem o alcance estadual de que precisaria. A cultura, no governo Vitor Buaiz, deveria ser prioritária. E não sei se conseguirá, com a crise financeira do Estado. Há muito funcionário e a máquina burocrática é emperrada. Como fazê-la funcionar melhor será um grande desafio para a atual administração.

Você – O que precisa melhorar?

Francisco – O apoio da iniciativa privada. Melhor gerenciamento das verbas públicas para a cultura. Treinamento dos agentes e produtores culturais. Recuperação e preservação dos bens culturais (Patrimônio Histórico). Criação de um curso de graduação em Artes Cênicas. Federalização da Escola de Música. Criação de cursos de segundo grau ou a nível de aperfeiçoamento de Roteiro, Técnicos de espetáculos, Produção cultural. Uma política cultural para o ES,

envolvendo prefeituras municipais, Ufes, faculdades isoladas e propiciando o intercâmbio de experiências, informações e artistas locais.

Você – O senhor acha que há no horizonte boas novas para o meio cultural ou avalia que o atual governo capixaba vai se emaranhar nos nós armados pelos governos anteriores?

Francisco – A administração do Vitor Buaiz na PMV e as propostas do PT fazem-nos ter esperança. O caos administrativo e econômico legado pelos governos anteriores faz-nos pensar criticamente. O desafio está lançado e o Rubicão precisa de ser atravessado. Quem o fará?

Você – O senhor votou no sociólogo Fernando Henrique Cardoso? Por quê?

Francisco – Pelo seu passado, pelos livros que escreveu, seu exemplo de intelectual e professor latino-americano. Achava que era a melhor opção e posso ter-me enganado, juntamente com os outros 33 milhões de brasileiros que votaram nele. Talvez o governo FHC, com as reformas que propõe ao país, seja a melhor transição para a democracia social com que sonhamos para o Brasil. Não se conquista a justiça social e o equilíbrio econômico da noite para o dia. Não sei se a política neoliberal fará isso. Mas, ainda confio em FHC, apesar de ACM e o PFL. Se estiver errado, espero ter tempo, para tentar acertar. Como intelectual, sou um tanto cético. Como escritor, acredito, citando Deny Gomes, que *a utopia é um país habitável*.

[...]

Você – Quais são os próximos passos do Francisco Aurelio?

Francisco – Fazer um curso de administração universitária, de julho a setembro; dar um curso de Literatura Infantil e Juvenil no Mestrado em Letras, em 95/2;

concluir a pesquisa sobre Literatura do Espírito Santo e suas marginalidades e publicá-la, no segundo semestre, em parceria com o DEC; publicar o livro de *Crônicas de viagens*, pela Rubem Braga; trabalhar na campanha para eleger o sucessor do Penedo; dirigir a SPDC até janeiro. Em 1996, tirar licença-prêmio, ir fazer um pós-doutorado na Espanha ou Portugal ou ser professor-visitante na Itália, até junho de 1996, quando poderia assumir a coordenação do mestrado em Letras.



Capa da revista *Você* de julho de 1995 e página inicial da entrevista de Francisco Aurelio Ribeiro a Adilson Vilaça.